

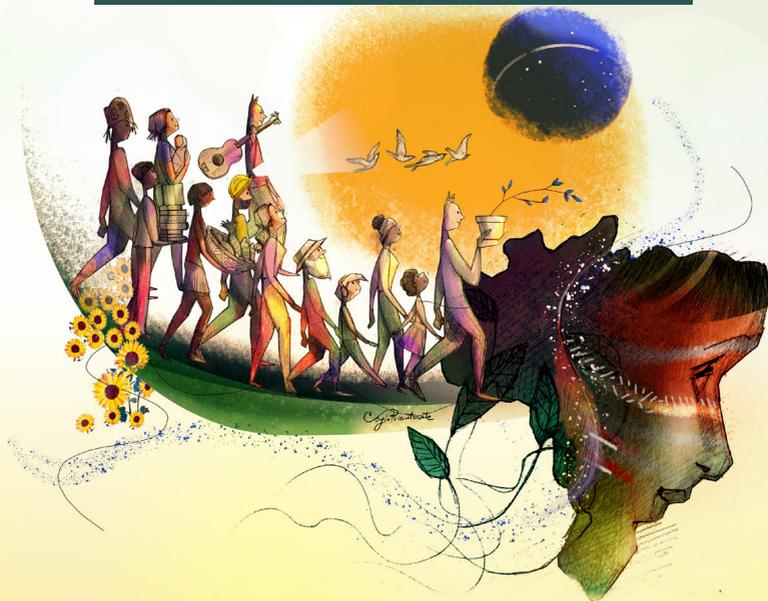
6ª Semana Social Brasileira  
Mutirão pela Vida: por Terra, Teto e Trabalho

2020-2023

RUMO AO  
*Projeto popular*

O BRASIL QUE QUEREMOS:

O BEM VIVER DOS POVOS



**CADERNO 6**

Coleção Mutirão de Formação



CNBB



SSB

**Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora,  
da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801, Conjunto B  
Brasília/DF – CEP 70200-014**

**Presidente**

Dom José Valdeci Santos Mendes

**Assessor**

Frei Olavo Dotto

**Organização e elaboração de conteúdo**

Alessandra Miranda e João de Jesus da Costa

**Coordenação executiva – 6ª Semana Social Brasileira**

Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara

Cáritas Brasileira

Comissão Brasileira de Justiça e Paz

Comissão Pastoral da Terra

Conselho Pastoral dos Pescadores

Conselho Nacional do Laicato do Brasil

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

Movimento pela Soberania Popular na Mineração

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida

Pastoral Operária

Pastoral da Juventude do Meio Popular

Rede Jubileu Sul Brasil

Serviço Pastoral dos Migrantes

Setor de Mobilidade Humana, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**Diagramação**

Mateus Leal

**Revisão**

Sueli Santos Dal Belo

**Secretária executiva**

Alessandra Miranda

**Apoio**

Misereor e Caritas Alemã

**Assessoria de comunicação**

Osnilda Lima e Ilanyr Felipe

# Sumário

- 04** Apresentação
- 07** 30 anos de Semanas Sociais Brasileiras
- 11** O Bem Viver dos povos
- 20** O Brasil que temos
- 27** O Brasil que queremos
- 32** Os desafios para a mudança
- 35** Tarefas urgentes e inadiáveis
- 37** Metodologia do caminho
- 42** Cronograma



# APRESENTAÇÃO

*“Não te esperarei na pura espera, porque o meu tempo de esperar é um tempo de quefazer”*

**Paulo Freire**

*Tempo para ver, escolher, fazer e celebrar*

É com a energia da abertura de um novo ciclo, com seus saberes e sabores, que inauguramos a nova fase na 6ª Semana Social Brasileira, com a proposição do projeto popular “O Brasil que queremos: o *Bem Viver* dos povos”. E, para abrir as portas e as janelas dessa construção popular, vamos disseminar as sementes dos *mutirões populares* em todos os territórios e realidades do Brasil. Para isso, apresentamos, neste caderno, a síntese do acúmulo dos 30 anos das Semanas Sociais Brasileiras – relacionada a: O *Bem Viver* dos povos; O Brasil que temos; O Brasil que queremos; Desafios para as mudanças; Tarefas urgentes e inadiáveis; e a Metodologia do Caminho –, que poderá servir de subsídio para o projeto.

O papa Francisco, no livro *Vamos sonhar juntos*<sup>1</sup>, sugere momentos específicos de **ações** no conjunto da missão social da Igreja, que nos impulsiona nessa construção com as seguintes inspirações<sup>2</sup>:



1 *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*, 1ª ed. (2020), autor Jorge Mario Bergoglio, Editora Intrínseca.



2 Texto elaborado por Neusa Mafra, por ocasião da Jornada Mundial dos Pobres, 2021, <https://ssb.org.br/app/uploads/2021/09/CARTILHA-JMP-2021.pdf>.

### *Tempo para ver*

Como encarar as pandemias ocultas deste mundo: as guerras em várias partes do mundo; **o tráfico de armas**; os refugiados que vivem na pobreza, com fome e sem oportunidades; as mudanças climáticas e os milhares de pessoas que morreram por causa da fome? Como sonhar em meio a tantas crises? É preciso cercar-se da realidade, deixar-se “golpear” por ela, para então sonhar, e sonhar grande.

### *Tempo para escolher*

Com o olhar aberto à realidade, reconhecer os critérios que nos guiam: somos amados/as por Deus e somos chamados/as como povo a serviço da solidariedade. Precisamos aprimorar a capacidade de reflexão e silêncio, de oração, de cultivo do diálogo com a comunidade, animando-a a sonhar juntos. E, como diz Francisco, com estes elementos podemos ler os sinais dos tempos, discernir e escolher um caminho que faça bem a todos: “Distinguir os caminhos do bem que nos conduzem ao futuro, de outros caminhos que não nos levam a lugar nenhum e nos fazem retroceder”, afirma o papa.

### *Tempo para fazer e celebrar*

Esta crise terá que nos levar a recuperar o sentido de pertencimento, de regeneração de vínculos e de confiança. Segundo o papa, “**não podemos deixar passar este esclarecedor momento. Não permitamos que nos digam que**, frente à crise da Covid-19, nada fizemos para restaurar a dignidade de nossos povos, para recuperar a memória e recordar nossas raízes”. Este é um tem-

po propício de ação concreta. É um tempo para salvar, reparar e restaurar a ética da fraternidade. “Só o rosto do outro é capaz de despertar o melhor de nosso interior”, ressalta o papa. No serviço ao povo, salvamo-nos a nós mesmos. Para sairmos melhores desta crise, é necessário que recuperemos o saber de que temos um destino comum como povo.

Fortalecidos/as neste *Mutirão pela vida: por terra, teto e trabalho*, vamos sonhar e celebrar nossas conquistas e potencialidades coletivamente?

*Coordenação executiva 6ª Semana Social Brasileira*



*“As Semanas Sociais Brasileiras são um serviço evangelizador da Igreja no Brasil, com espírito macroecumênico e aberto à pluralidade cultural e étnica da nação brasileira”*

**Padre Nelito Dornelas**



## 30 ANOS DE SEMANAS SOCIAIS BRASILEIRAS

**E**sta síntese busca representar o acúmulo construído pelas Semanas Sociais Brasileiras e, também, servir como subsídio para orientar a metodologia do processo da 6ª Semana Social Brasileira, que se estenderá até 2023. O texto a seguir aproveita o artigo “Igreja e sociedade a partir das Semanas Sociais”, escrito em 2014 pelo padre Nelito Nonato Dornelas, assessor da 5ª SSB (*in memoriam*)<sup>3</sup>.

As Semanas Sociais Brasileiras, promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde 1991, são um serviço evangelizador para atuação sociopolítica da Igreja no Brasil, com espírito macroecumênico e aberto à pluralidade cultural e étnica da nação brasileira. As Semanas Sociais transformaram-se em um espaço de construção da democracia participativa e direta em busca da universalização de direitos, com participação de vários setores da sociedade civil, lideranças de Igrejas cristãs, demais religiões, pastorais e movimentos sociais, militantes de partidos políticos populares, movimento sindical, povos indígenas, comunidades tradicionais e grupos culturais.



3 “Igreja e sociedade a partir das Semanas Sociais”, <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/88/80>.

As cinco edições anteriores buscaram, no debate com a sociedade, entender e encontrar soluções para questões sociais relacionadas aos setores excluídos e marginalizados. A 1ª Semana Social debateu sobre o trabalho, a 2ª sobre a exclusão social e os novos atores sociais emergentes, a 3ª sobre as dívidas, a 4ª sobre a sociedade brasileira e a 5ª sobre o Estado. A 6ª Semana assume o tripé terra, teto e trabalho, temas articulados pelo papa Francisco nos encontros com os movimentos populares.

1991

A **1ª Semana Social Brasileira** ocorreu em 1991 e promoveu o debate sobre a situação do trabalho da classe operária e as implicações das novas tecnologias. Estabeleceu um processo de monitoramento de violações dos direitos civis e sociais e, a partir dela, foram criados inúmeros grupos de economia solidária e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

1993  
1994

A **2ª Semana Social Brasileira** ocorreu entre 1993 e 1994, debatendo sobre “O Brasil que temos e o Brasil que queremos”, aprofundando o tema *Brasil, alternativas e protagonistas*. Possibilitou a criação da Articulação do Semiárido (ASA), que liderou a campanha pela construção de 1 milhão de cisternas para coleta de água da chuva. Dela, também, nasceram o Grito dos/ das Excluídos/as e o movimento da Consulta Popular.

1997  
1999

A **3ª Semana** foi de 1997 a 1999 e debateu sobre a dívida interna e externa do País. Dela surgiu a Rede Jubileu Sul, cujo objetivo é o monitoramento da dívida externa. Foi promovido um plebiscito popular contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e nasceu a Assembleia Popular.

2003  
2005

A **4ª Semana** ocorreu entre 2003 e 2005 e debateu sobre as forças sociais para a “construção conjunta do Brasil que queremos”. Criou o Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental e promoveu referendos populares sobre a privatização da Vale do Rio Doce e sobre o limite da propriedade rural.

2011  
2013

A **5ª Semana Social Brasileira** foi de 2011 a 2013 e promoveu o debate sobre “o Estado que temos e o Estado que queremos”. Assumiu como compromissos: apoiar a campanha de coleta de assinaturas, promovida pela Coalizão Democrática por uma reforma política e eleições limpas; apoiar a convocação do referendo popular para convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva, cujo resultado foi a apuração de quase 8 milhões de votos; apoiar a campanha para demarcação dos territórios dos povos indígenas, dos territórios dos povos quilombolas e dos pescadores artesanais; solicitar ao papa Francisco a convocação de evento internacional sobre a vida do planeta e no planeta. A 5ª Semana assumiu como proposta a ser apresentada e debatida pela sociedade brasileira o *Sumak Kawsay*, o *Bem Viver* dos povos indígenas da região Andina.

Em síntese, as Semanas Sociais apontam para a necessidade de se rever o modelo econômico e o processo de mercantilização da vida: que se ampliem as oportunidades de trabalho; que se fortaleçam as exigências éticas em defesa da vida e do meio ambiente; que se democratize o acesso à terra e ao solo urbano; que se olhe para o planeta Terra e com ele se relacione com responsabilidade humana, não o vendo como fonte de recursos a serem explorados, mas como um bem a ser preservado; que se promova uma nova economia e um consumo sustentável; que se democratize a comunicação e a informação e que se promova uma Reforma Política com participação popular.

As Semanas Sociais orientam para a necessidade de construção de uma sociedade incluyente com respeito à diversidade, pautada pelos princípios éticos. Elas assumem o compromisso com novos valores, com novas formas de convivência entre os seres humanos e com todos os seres da Terra e uma nova consciência de pertencimento à comunidade de vida.

2020  
2023

A 6ª **Semana Social Brasileira**, definida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 2019, surge como resposta ao contexto social brasileiro e ao chamado do papa Francisco para sermos “Igreja em saída”. Tem como tema central *Mutirão pela vida: por terra, teto e trabalho* e como objetivo “articular e mobilizar pessoas de boa vontade, famílias, Igrejas, movimentos sociais e populares e a sociedade brasileira, em ‘Mutirão pela Vida’, construindo o *Bem Viver*, sem desigualdades, discriminações e preconceitos, assumindo ações concretas para a conquista de terra, teto e trabalho para todas as pessoas, especialmente as mais pobres”. Também assume três eixos estruturais: soberania, democracia e economia.

*“Precisamos discutir um projeto de envolvimento que garanta a proteção ambiental e a justiça social. Aí, sim, estamos falando de um Bem Viver, que pensa nas pessoas, no equilíbrio econômico, na participação e no acesso, com políticas públicas e políticas sociais”*

**Sônia Guajajara**



## O BEM VIVER DOS POVOS

A seguir, colocaremos fragmentos do livro *Caminhos para a cultura do Bem Viver*,<sup>4</sup> apresentados por Ailton Krenak. O *Bem Viver* chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, fazendo referência a uma prática ancestral dos povos que viviam nessa cordilheira dos Andes: Quechua e Aymara, que têm uma cosmovisão em que essa cordilheira viva, cheia de montanhas e vulcões, todos aparentados uns dos outros, tem um significativo nome de *Pachamama*, Mãe Terra, coração da Terra.

A expressão *Sumak Kawsai* “nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão”, afirma Ailton.

Várias pessoas na Europa a expressaram, no entanto, como uma visão de mundo, a Social Democracia, relacionada a um estado de bem-estar, que toma a política como um motor de uma atividade onde a economia ia criar uma distribuição da riqueza a todos, o acesso a tudo: à educação, à saúde, à infraestrutura, tudo o que uma nação imagina ser necessário para que as pessoas tenham acesso igual às coisas boas e essenciais para a vida.



4 Caminhos para a cultura do Bem Viver, <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2021/06/Ailton-Krenak.pdf>.

*Bem Viver* não é ter uma vida folgada. Pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível, e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal.

Se a gente vive em um cosmos, em um vasto ambiente, onde a desigualdade é a marca principal, como que, dentro dessa marca de desigualdade, vamos produzir uma situação sustentável? A sustentabilidade não é uma coisa pessoal. Ela diz respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive.

É muito diferente o fundamento de cada uma dessas perspectivas, de *Bem Viver* e bem-estar. O bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos, sugere que nós, humanos, somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela. Nós achamos que podemos consumir a Terra. Para estender essa ideia de bem-estar para todo mundo, a gente precisa destruir o planeta.

Para o *Bem Viver*, o *Sumak Kausaj*, esse ser humano, subordinado a uma ecologia planetária, assim como todos os outros seres, está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos dentro dessa biosfera do planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica.

Esse maravilhoso organismo da Terra é a ecologia que existe em nós, no nosso corpo. Para muitas culturas, muitas tradições, nós tivemos origem aqui neste lugar, que é este planeta. Para al-

gumas outras narrativas, existe a possibilidade de este planeta mesmo, que compartilhamos a vida com ele, ser um fenômeno tão fantástico, constituído, talvez há bilhões de anos, por outras estrelas e transformações que aconteceram em outras galáxias. Então, é maravilhoso a gente poder fazer parte dessa história que é do cosmos, do universo. É por isso que o povo indígena tem cosmovisão.



**A Terra é um organismo vivo, não é uma coisa.  
E isso, fundamentalmente, distingue o que é  
bem-estar do que é *Bem Viver***

A Terra é um organismo vivo, não é uma coisa. E isso, fundamentalmente, distingue o que é bem-estar do que é *Bem Viver*. O *Bem Viver* não é distribuição de riqueza. *Bem Viver* é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos.

Temos que pensar em ajudar a formar seres humanos para habitar uma Terra viva. Se não formos capazes de nos inspirar para criar corpos vivos para uma Terra viva, não vamos experimentar o *Bem Viver*. O *Bem Viver* são corpos vivos em uma terra viva. A gente não pode incidir sobre a Terra como se a gente fosse uma máquina retroescavadeira.

Seres humanos são constituídos. Na história do nosso povo, o corpo, a pessoa é uma realização social, desde quando a gente é sonhada. Viemos para o mundo pela nossa família, da nossa mãe. Somos sonhados e depois acompanhados, espiritualmente, para ser humanos. Na maioria de nossas histórias, a pessoa humana é uma construção. A educação precisa ir além para poder ajudar a criar e construir seres humanos para uma Terra viva. Seres vivos para uma Terra viva.

Há certa relação desse fenômeno do coronavírus de tirar o ar da gente, fazendo a gente ficar sem respiração, como um aviso que, agora, alguns de nós estamos ficando sem ar. E a gente morre se ficar sem ar, mas gaia, organismo vivo que é o planeta, pode estar dizendo para a gente: “Vocês não me escutam, não é? Eu vou desligar alguns de vocês para ver se vocês entendem o que estou falando”. Como os bilhões de outros seres que habitam o planeta, nós somos um. Se tirar a gente, nós já extinguímos uma lista de espécies. Só nós é que não entramos na lista ainda, então, de repente, nós estamos reivindicando um direito de entrar na lista. A gente tem que pensar nisso.

Sobre o que nós temos na nossa cultura que pode dar pistas para o *Bem Viver*, para estar neste mundo de uma maneira cria-

tiva, corpo vivo em uma Terra viva, talvez seja observar ao seu redor, muito provavelmente tem uma floresta, uma montanha, então tem tanta vida gritando ao seu redor. Escuta esta vida, dialoga com ela, estabelece relação com ela... Nós conversamos com rios e montanhas. Tem gente que gosta de conversar com carro.

Nós temos, em comum, os Kadiwéu, os Krenak, os Terena, os Xavante, os Yanomami, uma constelação de povos. A gente tem em comum uma experiência de ter um vínculo com os nossos ancestrais. Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui, que, no caso da nossa cultura, foram os continuadores de ritos, de práticas, da nossa tradição.

Foram transmitidos pelas práticas, por ritos, pela cultura, e nós entendemos que é um contínuo dos nossos ancestrais. É uma continuidade desde as nossas histórias antigas. Até hoje nós entendemos que estamos nesse mesmo contínuo de interação com a memória do nosso povo, com a memória da nossa cultura. Tem um poema que diz assim:

*“Cantando  
dançando  
passando sobre o fogo  
seguimos num contínuo  
o rastro dos nossos ancestrais”.*

Uma vez um rapaz Xavante me fez uma pergunta. Ele tinha toda a educação do povo dele da aldeia, mas agora ele tinha que viver na cidade. Entendia que eu já tinha mais experiência de viver na cidade, então ele segurou na minha mão e me perguntou: “Como eu faço para eu entender essa linguagem da cidade?”. Eu não sabia o que responder, então, do meu coração, eu consegui

responder para ele o seguinte: “Seja espontâneo”. Deixa o seu coração ser espontâneo e a sua mente ser espontânea que a montanha e tudo que está ao seu redor vão conversar com você e vão responder a você. *Erehé!*

Para Juliana Gonçalves, no artigo “O *Bem Vivere* a radicalidade de sonhar outros mundos<sup>5</sup>”, *Bem Viver* é um nome novo usado para conceitualizar a cosmovisão de comunidades tradicionais que se organizavam a partir do coletivo. É um modo de vida que abarca a relação entre as pessoas, a natureza e o modelo econômico em sociedades que não tinham no capitalismo o modo possível de se organizar. Há correspondências do *Bem Viver* em muitas comunidades tradicionais e seus modos de organização antes da colonização sofrida na América Latina e no continente africano. Para povos que viveram o massacre físico e epistêmico da colonização e escravidão, o *Bem Viver* é uma inspiração que nos permite sonhar outros mundos.

A socióloga feminista colombiana Magdalena León<sup>6</sup> aponta que o *Bem Viver* “marca uma ruptura com a centralidade do indivíduo, a superioridade do humano e com as noções de progresso, desenvolvimento e bem-estar em chave capitalista”. O capitalismo exige relações calcadas nas desigualdades para se desenvolver, desigualdades construídas a partir da hierarquização dos corpos.

A lógica desenvolvimentista do capitalismo trouxe consigo a ocidentalização do mundo e a construção de estados desiguais que, ao desconhecer as alteridades, transforma toda e qualquer diferença em desigualdade. A construção de um novo marco civilizatório passa, necessariamente, pela criação de outro modelo econômico.



5 “O Bem Viver e a radicalidade de sonhar outros mundos”, <https://usina.devalores.org.br/o-bem-viver-e-a-radicalidade-de-sonhar-outros-mundos/>.



6 Redefiniciones económicas hacia el buen vivir: um acercamiento feminista, [http://www.explotacionapreciodesalido.org/datos/6816/Magdalena\\_Leon\\_buenvivir\\_economia14.pdf](http://www.explotacionapreciodesalido.org/datos/6816/Magdalena_Leon_buenvivir_economia14.pdf).

Segundo Alberto Acosta<sup>7</sup>, o *Bem Viver* não é apenas uma alternativa, mas a única via que de fato pode se contrapor ao capitalismo. No Brasil, as mulheres negras também constroem o conceito do *Bem Viver* como elemento que se contrapõe ao modelo capitalista neoliberal. A Carta das Mulheres Negras de 2015<sup>8</sup>, documento divulgado pela organização da Marcha das Mulheres Negras, aponta para a mudança estrutural proposta pela teoria do *Bem Viver*.

As sociedades eurocêntricas, alicerçadas nos ideais de branquitude, têm como base do seu desenvolvimento a concentração de poder, o acúmulo de riqueza, a exploração como sustento da sociedade, o domínio de outros povos e o massacre epistêmico de tudo que não é branco. Elementos que vão na contramão do *Bem Viver*.

## **O Bem Viver não é apenas uma alternativa, mas a única via que de fato pode se contrapor ao capitalismo.**

Ao permitir sonhar outros mundos, o *Bem Viver* dá base a uma prática política que visa à desconstrução das opressões estruturais a partir do rompimento de práticas colonizadoras. A descolonização destas práticas sociais e um retorno às bases comunitárias são fundamentos do *Bem Viver*. O objetivo é construir um sistema econômico sobre bases comunitárias. Essa nova sociedade se dá longe dos valores das sociedades eurocêntricas e mais próximas aos valores civilizatórios ameríndios e africanos, como



7 O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editoras Elefante e Autonomia Literária. Alberto Acosta.



8 Carta da Marcha das Mulheres Negras, 2015, <https://amnb.org.br/carta-da-marcha-das-mulheres-negras-2015/>

o cooperativismo, a ancestralidade, a memória, a corporeidade e a oralidade. O *Bem Viver* nos lembra de que mudar esse sistema econômico e político não é utopia, mas sim uma necessidade.

Padre Nelito Nonato Dornelas, no já citado artigo “Igreja e sociedade a partir das Semanas Sociais”, nos diz que o *Bem Viver* implica se construir uma sociedade fundamentada nos *sete caminhos para a paz*. O primeiro é a paz para *trás*: com o nosso passado pessoal e coletivo; o segundo é a paz para a *frente*: com as gerações futuras; o terceiro é a paz para o *alto*: com a divindade; o quarto é a paz para *baixo*: com o ambiente onde se vive; o quinto é a paz para a *direita*: com os vizinhos; o sexto, para a *esquerda*: com a família; e o sétimo: para *dentro*: consigo mesmo.

Os princípios do *Bem Viver* dialogam com a proposta das *Bem-aventuranças* proclamadas por Jesus. Das oito Bem-aventuranças, destaquemos três: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus* (Mt 5,8: princípio religioso); *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra* (Mt 5,5: princípio político); e *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia* (Mt 5,7: princípio ético).

Como afirma o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira<sup>9</sup>, o *Bem Viver* é uma produção espiritual, política, econômica, cultural e social em oposição ao atual sistema consumista, afirmando que a Terra não é um grande depósito de recursos naturais a serem explorados para produzir riqueza, mas a mãe de todas as espécies de vida. O ser humano é parte integrante desta comunidade de vida e com ela estabelece relações de pertença. Em vez de extrair, transformar, consumir e descartar, a economia deve ser regida pelo princípio de respeito à Terra. Apesar de bastante generosa



9 Entrevista com o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, <https://conic.org.br/portal/noticias/2308-entrevista-com-o-sociologo-pedro-ribeiro-de-oliveira>

por não negar aos seus filhos e filhas, a mãe Terra já esgotou seus recursos. Mas nós, pessoas mimadas e tolas, a exploramos, dela tudo exigindo e nada lhe retornando. Mesmo doente e desgastada como está, a Terra continua a nos oferecer o que há milênios tem produzido e preservado em seu meio. Apenas a observância dos direitos da Terra poderá resgatar a sua saúde e incentivar o nosso bem viver, conviver, pertencer e ser.

Ao *Bem Viver* dos povos indígenas, acrescentamos o *Pertencer* dos afrodescendentes e o *Conviver* e *Ser* da tradição cristã.



“Construir um projeto de sociedade, orientado por valores e por estratégias que promovam a distribuição da riqueza, da renda, da terra, do poder e do saber, oportunizando que as pessoas vivam com justiça, dignidade e alegria”



## O BRASIL QUE TEMOS

As ideias a seguir foram apresentadas na Carta ao Povo Brasileiro<sup>10</sup>, resultante do Momento Nacional da 3ª Semana Social Brasileira, em 1998, como uma sistematização de quais são as dívidas sociais. Esse texto permanece atual e mostra as características principais do Brasil que temos.

As dívidas sociais são as dívidas que as elites dominantes impuseram ao nosso povo, em 500 anos de exploração. Dívidas que se materializam no desemprego, nos salários indignos, nos sem-terra, no abandono dos pequenos agricultores e dos pescadores artesanais, na escravidão que persiste, na fome torturante, no extermínio dos povos indígenas e de outros grupos sociais.

Dívidas que se expressam nos sem-teto, na discriminação dos migrantes, no sucateamento dos serviços de saúde e educação, na precariedade dos serviços urbanos, nas agressões ao meio ambiente. Que se revelam na negação do pleno direito à cidadania dos portadores de deficiência, dos idosos, jovens, crianças, adolescentes, meninos e meninas de rua, mulheres, povos indígenas, negros, ciganos e outras etnias, maiorias e minorias de nosso povo. Que se fortalecem na violência cotidiana, na injustiça, na corrupção, na falta de democracia real, nas distorções veiculadas por meios de comunicação de massa, na destruição de valores individuais e coletivos.



10 Carta ao Povo Brasileiro, 3ª Semana Social Brasileira. (Vamos inserir no site)

As dívidas sociais possuem raízes profundas, que remontam ao processo colonizador europeu, a séculos de escravidão, de transferência de nossas riquezas para o exterior, de democratização lenta e restrita, de justiça parcial e perpetuadora de desigualdades, de subordinação do Estado aos interesses privados nacionais e internacionais, de um desenvolvimento econômico que gera e reproduz estruturalmente a desigualdade. Os credores das dívidas sociais são a maioria do povo brasileiro.

O modelo neoliberal, implementado no Brasil principalmente a partir de 1990, reforça a desigualdade estrutural existente na sociedade brasileira. Vivemos sob o domínio das chamadas leis do mercado, do individualismo, da competitividade, do consumismo. A idolatria do mercado sufoca os valores da igualdade, da solidariedade, da soberania nacional, de uma democracia participativa.

O grande capital exige subordinação de nossa sociedade, impondo privatização de estatais, abertura comercial sem salvaguardas nem contrapartidas, desmantelamento dos serviços públicos. Agravam-se o desemprego, a violência, a crise de valores. Mas as soluções estão à vista e à mão. Nossas mazelas não se devem à falta de recursos: suas causas são políticas e estruturais.

**As dívidas sociais são as dívidas que as elites dominantes impuseram ao nosso povo, em 500 anos de exploração.**





# 50%

dos domicílios brasileiros  
não são atendidos por rede  
tratada de esgotos

A Assembleia Popular<sup>11</sup>, realizada em 2010, também trouxe algumas análises importantes para a compreensão da realidade brasileira, expostas a seguir:

A economia mundial está organizada em torno da propriedade privada dos bens e recursos produtivos e distributivos, e da busca do máximo lucro e de sempre maior controle dos mercados, num ambiente marcado pela competição e pela exploração do trabalho e dos bens na natureza.

O Brasil está entre as dez maiores<sup>12</sup> economias com um Produto Interno Bruto (PIB) de mais de 2 trilhões de reais. Paradoxalmente, em termos de concentração de renda, o Brasil ocupa a terceira pior posição. 50% dos domicílios brasileiros não são atendidos por rede tratada de esgotos; o déficit habitacional está em



11 Assembleia Popular. <https://ssb.org.br/app/uploads/2021/12/Caderno-II-AP-Projeto-Popular-2a-versao.pdf>



12 Brasil deixa ranking das dez maiores economias após queda de 4,1% do PIB, <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/03/03/brasil-deixa-ranking-das-10-maiores-economias-apos-queda-de-41-do-pib.htm>.

torno de 12 milhões de moradias, equivalendo a cerca de 50 milhões de pessoas. O salário mínimo é dos mais baixos da América Latina.

O Brasil segue apresentando um dos maiores índices de desigualdade econômica e social do mundo e continua sendo “campeão” em concentração fundiária. O trabalho continua desvalorizado e precarizado, com altos índices de desemprego, especialmente entre os jovens, as mulheres e a população negra. Tanto no campo quanto na cidade, a população de baixa renda sofre repressão, criminalização e violência, quando se organiza para lutar por terra, trabalho, moradia, saúde, educação e dignidade.

Neste sistema econômico, prevalecem oligopólios que funcionam como ditaduras econômicas do capital. Manifesta-se não somente na área econômica, mas também na política, com a predominância de representantes dos interesses do grande capital ocupando cargos nos três poderes da República.

Ano após ano, os governos brasileiros dedicam mais de 30% do orçamento da União para pagar juros aos credores financeiros da dívida pública interna e externa. No campo, a estrutura agrária é a segunda mais desigual do mundo. Enquanto os estabelecimentos rurais com menos de dez hectares ocupam 2,7% da soma de propriedades rurais, as grandes fazendas, com mais de mil hectares, que são apenas 3% do total de propriedades, concentram 43% da área total (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 2009).

**Déficit habitacional  
está em torno de**

**12 milhões  
de moradias**



No Brasil, existem mais de 2 mil barragens, que causaram a expulsão de cerca de 1 milhão de pessoas de suas terras. Este modelo energético beneficia grandes empresas e causa sérios impactos sociais e ambientais, pois está controlado por monopólios privados, com lucros bilionários.

Apenas 11 famílias controlam quase todos os veículos de comunicação no Brasil, e são raras as emissoras de rádio e TV que não têm finalidade comercial. A grande mídia tem um papel desmobilizador sobre as pessoas e as comunidades, pois não mostra nossa cultura, nosso jeito de viver, nossas histórias de resistência e de luta.

É necessário construir um novo projeto de sociedade, orientado por valores e por estratégias capazes de promover a distribuição da riqueza, da renda, da terra, do poder e do saber, criando oportunidades para que todos os brasileiros possam viver com justiça, dignidade e alegria.

Esta nova sociedade já vem sendo construída pelos movimentos populares, pela sociedade civil, na luta contra o projeto dominante. O novo é visível nas lutas por terra e água, na batalha por direitos sociais e políticas públicas, na defesa do meio ambiente, nas iniciativas de produção alternativa, em todos que, de diferentes formas, procuram viver a verdadeira democracia, a cooperação e a solidariedade.

Como uma síntese, a Carta Final da 5ª Semana Social Brasileira<sup>13</sup> apontou que “o modelo desenvolvimentista assumido pelo Estado Brasileiro atual, baseado em políticas compensatórias, submete a nação às determinações da mundialização neoliberal em crise, reprimiriza a economia, explorando os bens naturais e humanos para a exportação, transformando-os em *commodities*. Este modelo viola o direito dos povos e ameaça a vida do planeta,



13 Carta Final, da 5ª Semana Social Brasileira. <https://jubileusul.org.br/noticias/carta-compromisso-da-5a-semana-social-brasileira/>

impactando as comunidades rurais e urbanas, as classes trabalhadoras e a população em geral”.



Os diversos mutirões já promovidos pela 6ª SSB indicaram também alguns elementos que são reveladores do Brasil que temos:

Os territórios tradicionais, como os territórios pesqueiros, indígenas e quilombolas, estão ameaçados historicamente pelos grandes projetos, especialmente os da mineração, porém com o recente acontecimento dos óleos nas praias e, com a pandemia, a crise se intensifica.

O quadro no mundo do trabalho é de exploração crescente. Os capitais chegaram ao “Frankenstein” social: altas tecnologias, descumprimento da legislação trabalhista e escravidão digital. Os/As trabalhadores/as dos aplicativos têm seus direitos totalmente negligenciados.

As mulheres são as mais afetadas diante das desigualdades, especialmente vítimas da violência doméstica, porém são os coletivos que mais têm resistido e lutado nas várias frentes por democracia.

O poder econômico “captura” o poder político.

Desmonte das políticas urbanas pelo governo Bolsonaro.

Aumento exponencial da população de rua em todos os estados brasileiros.

Desmonte dos programas de aquisição de alimentos durante a pandemia.

- Adoecimento mental e físico das pessoas.
- Solidariedade e doações de alimentos saudáveis do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
- Economia Popular Solidária e Economia de Francisco e Clara como cooperação interna e externa.

Inspirados pelo papa Francisco no chamado ‘Economia de Francisco e Clara’ voltamos nossas reflexões na reconstrução de um Estado que garanta o bem comum, permitindo o desenvolvimento de um sistema financeiro credor de políticas públicas, uma participação democrática como orçamento público participativo, vencendo gradativamente a lógica dos mercados (ajuste fiscal) e construindo uma renda básica de cidadania e a progressiva taxação de grandes fortunas. Orçamento para a vida e não para os bilionários.

A Economia Popular Solidária como o motor principal de investimento e políticas públicas em cada território, em cada periferia, contribuindo para a formulação de espaços de cooperação e dando vida a uma ideia de fraternidade econômica



“Do *Bem Viver* emerge um novo código sociopolítico em que a justiça, a equidade, a solidariedade, o bem-estar são valores inegociáveis consolidados pelas múltiplas vozes que coabitam o planeta e que devem decidir conjuntamente os destinos da sociedade”, Marcha das Mulheres 2015



## O BRASIL QUE QUEREMOS

**T**odas as Semanas Sociais Brasileiras construíram ideias relacionadas a um Projeto Popular para o Brasil. A seguir, destacamos as que surgiram a partir da 2ª SSB.

A 2ª Semana Social Brasileira consolidou, em 1994, as seguintes ideias-força:

- (1) Radicalização da democracia:** apostar nas pessoas e nos sujeitos coletivos como construtores da sociedade; ampliar a democracia representativa e fomentar a democracia participativa e direta; abolir todo e qualquer tipo de exclusão social com respeito à diversidade e pluralidade; uma democracia que seja exercida a partir dos interesses das maiorias empobrecidas e voltada para a resolução dos seus problemas.
- (2) Construção coletiva:** dar centralidade aos sujeitos coletivos e redefinir o poder decisório de quem toma as decisões; dar vez e voz aos setores que vivem as realidades locais e conhecem os seus problemas; valorizar as subjetividades das pessoas, respeitando suas singularidades, diversidades.
- (3) Cidadania ativa:** ampliar o direito de o povo brasileiro influenciar os destinos da nação, por meio da participação direta dos cidadãos nos processos de decisão de interesse público; ampliar os mecanismos de decisão para a esfera da sociedade civil.

**4) Inversão de prioridades:** mudar radicalmente a racionalidade econômica que tomou conta do Brasil em que a lógica do progresso se subordina aos interesses econômicos e não sociais – uma racionalidade que também subjuga a natureza; inverter as prioridades e colocar as pessoas humanas e suas necessidades básicas no centro de qualquer projeto.

Essa Semana assumiu como enunciado do Brasil que queremos: uma sociedade economicamente justa, ecologicamente sustentável, politicamente democrática, socialmente solidária e culturalmente plural.

Os participantes da 4ª Semana Social, em 2006, se propuseram a continuar o *Mutirão por um novo Brasil*, construindo um projeto de país em parceria com outras forças sociais democráticas, com as seguintes características:

- Com um sistema político em que se exerça a democracia direta por meio de plebiscitos, referendos, iniciativas populares de leis, orçamento participativo e com a cidadania controlando o Estado.
- Que seja soberano, recupere as riquezas nacionais e respeite e valorize a biodiversidade. A democracia participativa será a garantia de soberania nacional.
- Em que o trabalho seja fonte de valorização pessoal, tenha remuneração digna e estabilidade e seja suprimido todo tipo de trabalho escravo.
- Cujas cidades sejam humanizadas, por meio de uma reforma urbana profunda, com garantia de moradia digna a todos.
- Que recupere o sentido primordial da terra com sua destinação universal como patrimônio comum da humanidade, respeite o meio ambiente e a biodiversidade, faça a reforma

agrária e a regularização fundiária das comunidades tradicionais e garanta a soberania alimentar.

- Cujas economias sejam reguladas pelo Estado para estar a serviço da vida de todos, organizada de maneira solidária.
- Em que sejam democratizados os meios de comunicação social, se faça a inclusão digital e se incentive a comunicação popular.
- Em que a educação e a cultura sejam um direito de todos, se valorizem os profissionais da educação e o patrimônio cultural, afirmando a importância da arte e da cultura popular nas suas diversas expressões.
- Em que a saúde seja direito de todos, se incentivem os Conselhos de Saúde e se cuide prioritariamente da saúde preventiva.

Em 2013, a 5ª SSB trouxe como compromissos para construir o Estado que queremos:

- Defender o trabalho para todos/as. Trabalho digno e não precarizado... Fortalecer a Economia Popular Solidária como uma política de Estado.
- Promover a formação para a cidadania. Retomar e fortalecer a metodologia das Assembleias Populares, com a criação de Tribunais Populares, pela democratização do Judiciário e do acesso à justiça e a reestruturação do Sistema de Segurança Pública. Apoiar a reforma agrária, a agricultura familiar e agroecológica, o reconhecimento dos territórios dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais. Fortalecer a Campanha pela Democratização dos Meios de Comunicação Social. Garantir a efetivação dos Conselhos de Juventudes;

assumir a campanha contra o extermínio de jovens, principalmente pobres e negros; contra a redução da maioridade penal e a violência às mulheres.

○ Incentivar políticas de defesa civil, com participação da sociedade, para a prevenção dos impactos socioambientais dos projetos desenvolvimentistas e a proteção e garantia de direitos das populações afetadas.

○ Exigir do Governo Federal a implementação do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil e que haja sua efetiva participação.

○ Incentivar a criação e o fortalecimento dos fóruns populares que monitoram e propõem políticas urbanas nos bairros, nas regiões administrativas e nos municípios.

○ Informar e mobilizar a sociedade sobre a gestão dos recursos públicos, participando de campanhas pela revisão da distribuição orçamentária da União; por uma reforma tributária progressiva e participativa; contra uma política de endividamento público e de gestão do orçamento social e ambiental irresponsável. Exigir do governo o fim dos leilões do petróleo, pela plena reestatização da Petrobras, bem como a auditoria da dívida pública.

As reflexões nos diversos mutirões promovidos pela 6ª SSB indicaram também alguns elementos que podem conformar o projeto do Brasil que queremos:

○ Reforma agrária popular no Brasil.

○ Fortalecimento da agricultura familiar e combate ao uso dos agrotóxicos.

**Projeto popular:** “O Brasil que queremos: o Bem Viver dos povos”

- Fortalecimento das redes de proteção às pessoas ameaçadas de morte e aos/às defensores/as dos direitos humanos e da natureza.
- Estruturação de políticas públicas que garantam dignidade e superação do assistencialismo.
- Garantia da renda básica.
- Tributação/taxação das grandes fortunas e dos lucros dos bancos e dos grandes capitais.



“As Semanas Sociais apontam para a necessidade de construção de uma sociedade incluyente com respeito à diversidade, pautada pelos princípios éticos, com novas formas de convivência entre os seres humanos e com todos os seres da terra e uma nova consciência de pertencimento à comunidade de vida”

**Padre Nelito Dornelas**



## OS DESAFIOS PARA A MUDANÇA

**N**o já citado artigo “Igreja e sociedade a partir das Semanas Sociais”, padre Nelito Dornelas indicou que “as Semanas Sociais apontam para a necessidade de construção de uma sociedade includente com respeito à diversidade, pautada pelos princípios éticos. Elas assumem o compromisso com novos valores, com novas formas de convivência entre os seres humanos e com todos os seres da terra e uma nova consciência de pertencimento à comunidade de vida”.

Para avançar nessa direção, há inúmeros desafios que se relacionam tanto à construção de um Projeto Popular para o Brasil quanto à vivência dos princípios e dos valores que deverão orientar a nova sociedade que queremos.

Entre os desafios apontados pelas várias Semanas Sociais Brasileiras, destacam-se:

- Refletir sobre política e cidadania dentro e fora da Igreja.
- Avançar nas parcerias com os diferentes movimentos sociais e as diferentes expressões de fé.
- Utilizar e vivenciar metodologias realmente inclusivas, com base na comunicação não violenta.
- Formar multiplicadores/as para a transformação da sociedade.

- Não ter medo do conflito, que vai acontecer em sociedade altamente autoritária como a nossa.
- Aderir com ênfase aos movimentos de reforma política.
- Avançar na solidariedade como dimensão humana e não religiosa.
- Defender a agroecologia e a agrofloresta como resistência e caminho de sobrevivência.
- Potencializar as ações diante da extrema pobreza e fome que devem avançar no Brasil.
- Aprofundar o debate sobre as questões da terra com ênfase para defesa dos territórios.
- Compreender a questão da reforma agrária a partir da ótica das mulheres.
- Compreender o direito à cidade combinando a dinâmica de pensar o teto e os espaços urbanos.
- Revalorizar e reinventar o trabalho humano e reaprender o trabalho dotado de sentidos;
- Retomar os lutadores/mártires das lutas por direitos trabalhistas no País.
- Lutar pela soberania e não privatização de setores estratégicos.
- Retomar a autogestão e organizações coletivas, especialmente das mulheres.
- Gerar processos de comunicação que combatam as *fake news*.
- Fortalecer o Grito dos/das Excluídos/as como mutirões pela vida.

**Projeto popular:** “O Brasil que queremos: o Bem Viver dos povos”

- Fortalecer o combate e denúncia do machismo, racismo e patriarcado.
- Enfrentar o sistema da dívida pública.
- Estimular a adesão para a economia de Francisco e Clara.



“Reconhecemos que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade?”

**Papa Francisco**



## TAREFAS URGENTES E INADIÁVEIS

**E**ntre as tarefas urgentes e inadiáveis para a construção do Brasil que queremos, destacam-se:

- Alimentar a fé e o ânimo dos/das que buscam a construção coletiva de um Estado democrático, livre e soberano.
- Resignificar os valores: a solidariedade, a generosidade, a partilha, a ética.
- Socializar as experiências que alimentam a luta e a esperança.
- Lutar pelo acesso de toda a população brasileira à vacina contra Covid-19.
- Lutar pela democratização da informação e valorizar a comunicação alternativa.
- Apoiar as iniciativas de educação popular no campo e na cidade.
- Estimular iniciativas que gerem trabalho e renda para os/as trabalhadores/as e suas famílias, com base nos princípios da Economia Popular Solidária e como embrião de uma outra economia.
- Fortalecer os fóruns que aglutinam pastorais ou movimentos afins.

**Projeto popular:** “O Brasil que queremos: o Bem Viver dos povos”

- Trabalhar em redes, socializando causas, metodologias ou iniciativas.
- Valorizar todo tipo de novos atores sociais que surgem no contexto brasileiro.
- Lutar pelo fim do teto de gastos (Emenda Constitucional 95).



“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”  
Alfredo Bosi



# METODOLOGIA DO CAMINHO

## **Objetivo geral**

Animar um processo amplo e plural de resistência, de reflexão e de incidência para a construção do Brasil que queremos, na perspectiva do *Bem Viver* dos povos.

## **A mística e a espiritualidade que animam o Bem Viver**

A mística e espiritualidade do *Mutirão pelo Brasil que queremos* buscará envolver as pessoas e os coletivos em uma vivência dos sentidos através das vivências das celebrações, experiências de discernimento no seguimento de Jesus, em torno do *Bem-Viver* e da Ecologia Integral.

## **EIXO 1**

### **OS DESAFIOS DE CONSTRUÇÃO DO BRASIL QUE QUEREMOS**

Serão organizados três movimentos circulares



## **ANO DE 2022**



### **Mutirão pela vida: sinais do esperançar**

#### **a) A identificar experiências locais de resistência**

Indica-se que cada território (paróquias, dioceses e regionais) ou movimentos e coletivos identifiquem experiências locais ou potencialidades que possam ser sinais do projeto popular, atuando especialmente nas lutas e resistências por terra, teto e trabalho. Exemplos: quintais agroecológicos; videodocumentários; construção de cozinhas comunitárias; jornadas de reflorestamento; experiências de economia solidária; uso de terapias alternativas; jornadas de autocuidados; acolhimento a vítimas de violação de direitos; programas de incidência política; mutirões de solidariedade etc.

#### **b) A cuidar das experiências locais de resistência**

Ao longo de 2022, o grupo ou comunidade que indicarem as experiências locais devem assumir uma prática de cuidado e fortalecimento das mesmas, como sementes do nosso esperançar. Ao final, poderá ser elaborada uma pequena sistematização dessas experiências para compartilhar os gestos e os aprendizados.

**Importante:** a secretaria executiva nacional da 6ª Semana Social Brasileira, no decorrer do ano, irá fazer o mapeamento das experiências adotadas e suas principais características. As sínteses e os materiais sobre as experiências serão compartilhados também em uma plataforma multimídia interativa e em publicações com formatos diversos: carta, manifesto, áudio, vídeo etc.

## MOMENTO 2

### O Brasil que temos: o Brasil que queremos

Indica-se que cada território ou movimento utilize os cadernos da 6ª Semana Social Brasileira, e outros materiais de referência, para realizar ciclos de debates e rodas de conversa em torno dos 3Ts e dos processos de violação dos direitos, para ajudar as pessoas a compreenderem melhor o contexto social e apontarem pistas para as mudanças. Lembrando que, para cada momento de reflexão coletiva sobre os três Ts, devem ser considerados os seguintes aspectos:

- elementos da realidade local (conjuntura);
- principais violações dos direitos no território;
- principais sinais e experiências de resistência;
- pistas de mudanças.

### Cadernos formativos da 6ª Semana Social Brasileira



**Caderno 1 – Mutirão por Democracia: transformações sociopolíticas e participação social**  
<https://ssb.org.br/app/uploads/2020/11/CADERNO-1.pdf>



**Caderno 2 – Mutirão por Economia: alternativa ao modelo econômico**  
<https://ssb.org.br/app/uploads/2020/12/CADERNO-2.pdf>

## Projeto popular: “O Brasil que queremos: o Bem Viver dos povos”



Caderno 3 – Mutirão por Soberania: autonomia democrática e desenvolvimento territorial

<https://ssb.org.br/app/uploads/2020/12/CADERNO-3.pdf>



Caderno 4 – Mutirão por Terra, Teto e Trabalho: território, direitos sociais e cidadania

<https://ssb.org.br/app/uploads/2020/12/CADERNO-4.pdf>



Caderno 5 – Ecologia Integral: o sagrado e o *Bem Viver* dos povos

<https://ssb.org.br/app/uploads/2020/12/CADERNO-5.pdf>

## ANOS 2022 E 2023

MOMENTO **3**

### **Plano de ação: incidência política e integração entre o local e o global**

Indica-se que cada território ou movimento organize as ideias sobre as mudanças em um plano de ação que possa engajar as pessoas em torno de iniciativas de incidência nas políticas públicas e junto à sociedade em geral. Essas iniciativas poderão apontar também para formas de integração entre as mobilizações locais e as agendas mais amplas no País e no mundo.

**Observação:** Em 2022, será disponibilizada uma proposta de roteiro para o plano de ação de incidência política.

## EIXO 2

### **MUTIRÃO PELA VIDA: CONVERGÊNCIAS PARA O BRASIL QUE QUEREMOS**

A cada ano, os regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, macrorregião (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste) e nacional, vão preparar uma síntese dos diálogos e organizar espaços de convergência no ambiente presencial e no virtual, de maneira que o projeto popular *O Brasil que queremos*, relacionado ao *Bem Viver dos povos*, vai sendo elaborado e os acúmulos dos espaços de convergência constituirão a *Agenda do Brasil que queremos* para orientar as ações de resistência, formação e incidência para o fim de 2023, quando se encerra o ciclo das mobilizações da 6ª Semana Social Brasileira e se inicia a concretização do projeto popular *O Brasil que queremos: o Bem Viver dos povos*.

## 8. CRONOGRAMA

### ATIVIDADE

Difusão da síntese do acúmulo das SSBs e capacitação para o caminho metodológico  
Diálogo com regionais, articulações e movimentos

### DETALHAMENTO

- 02 a 04/02 Encontro da Coordenação Ampliada, com os multiplicadores regionais e movimentos populares  
- Debate da síntese e metodologia nos Regionais  
- Mapeamento dos regionais e das articulações e movimentos para espaços de capacitação

### ATIVIDADE

Visibilidade das experiências locais e dos diálogos nos regionais.

### DETALHAMENTO

- Rodas de conversa de troca das experiências  
- Publicação e difusão dos materiais em formatos diversos

### ATIVIDADE

Espaço nacional de convergência.

### DETALHAMENTO

Socialização das agendas regionais / setoriais e construção da agenda nacional do Brasil que queremos

Outubro  
de 2021

### ATIVIDADE

Seminário Nacional da 6ª SSB

### DETALHAMENTO

Reflexão sobre os 3T e apresentação da metodologia

1º  
trimestre  
de 2022

1º  
semestre  
de 2022

### ATIVIDADE

Realização dos mutirões pela vida: sinais do esperar (locais e regionais)

### DETALHAMENTO

Gestos concretos nos territórios e diálogos sobre o contexto regional.

4º  
trimestre  
de 2022

1º  
semestre  
de 2023

### ATIVIDADE

Espaços regionais e das macrorregiões de convergência

### DETALHAMENTO

Construção de agendas regionais e das macrorregiões do Brasil que queremos

3º  
trimestre  
de 2023

4º  
trimestre  
de 2023

### ATIVIDADE

Visibilidade da agenda do Brasil que queremos

### DETALHAMENTO

Publicação e difusão da agenda em formatos diversos

# ANEXO I

## Gestos concretos das Semanas Sociais Brasileiras

### FÓRUM NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) é um instrumento do movimento da Economia Solidária, um espaço de articulação e diálogo entre diversos atores e movimentos sociais pela construção da economia solidária como base fundamental de outro desenvolvimento socioeconômico para o Brasil.

O FBES está organizado em todo o País em mais de 160 fóruns municipais, microrregionais e estaduais, envolvendo diretamente mais de 3 mil empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária.

O Fórum atua com duas finalidades prioritárias:

- Representação, articulação e incidência na elaboração e no acompanhamento de políticas públicas de economia solidária e no diálogo com diversos movimentos sociais, se inserindo nas lutas e nas reivindicações sociais sem perder seus princípios e sua autonomia.

- Apoio ao fortalecimento do movimento de economia solidária a partir das bases.

**Saiba mais:** <https://fbes.org.br/>

### ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO

A Articulação do Semiárido (ASA) é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas,

o projeto político da convivência com o Semiárido. É formada por mais de 3 mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas: sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscips) etc. A ASA conecta pessoas organizadas em entidades que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades em dez estados: MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI e MA.

Sua missão é fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o Semiárido referenciados em valores culturais e de justiça social. E a ASA fortalece a sociedade civil mobilizando-a. Uma das estratégias que a Articulação utiliza para a mobilização social é a Comunicação Popular, assim como processos de sistematização de experiências e de intercâmbio entre as famílias agricultoras, que promovem a construção coletiva do conhecimento.

As ações da ASA estão pautadas, principalmente, na cultura do estoque de água, alimentos, sementes, animais e todos os elementos necessários à vida na região.

**Saiba mais:** <https://www.asabrasil.org.br/>

## GRITO DOS EXCLUÍDOS, DAS EXCLUÍDAS

A proposta do Grito dos Excluídos e Excluídas surgiu em 1994, a partir do processo da 2ª Semana Social Brasileira. Entre as motivações que levaram à escolha do dia 7 de setembro para a realização do Grito dos/as Excluídos/as está a de fazer um contraponto ao Grito da Independência. O primeiro Grito dos/as Excluídos/as foi realizado em 7 de setembro de 1995, tendo como lema “A vida em primeiro lugar” e ecoou em 170 localidades.

A partir de 1996, o Grito foi assumido pela CNBB, que o aprovou em sua Assembleia Geral, como parte do Projeto Rumo ao Novo Milênio (PRNM), doc. 56 nº 129. A cada ano, efetiva-se como uma imensa construção coletiva, antes, durante e após o Sete de Setembro.

Mais do que uma articulação, o Grito é um processo, é uma manifestação popular carregada de simbolismo, que integra pessoas, grupos, entidades, Igrejas e movimentos sociais comprometidos com as causas dos excluídos. Ele brota do chão, é ecumênico e vivido na prática das lutas populares por direitos. A proposta não só questiona os padrões de independência do povo brasileiro, mas ajuda na reflexão para um Brasil que se quer cada vez melhor e mais justo para todos os cidadãos e cidadãs. Assim, é um espaço aberto para denúncias sobre as mais variadas formas de exclusão.

A criatividade, a metodologia e o protagonismo dos Excluídos são marcas do Grito, que privilegia a participação ampla, aberta e plural.

**Saiba mais:** <https://www.gritodosexcluidos.com/>

## REDE JUBILEU SUL BRASIL

Somos uma rede ampla e plural de movimentos sociais, organizações populares e religiosas, política, comunidades e campanhas na América Latina e Caribe, África, Ásia e o Pacífico.

Trabalhamos juntos no desenvolvimento de um movimento global pelo cancelamento e repúdio às dívidas externas, internas, e exigindo a reparação e restituição do imenso dano que provoca aos países endividados... e ao desenvolvimento humano, social, ambiental, político e econômico dos mesmos.

Seguindo a influência dos movimentos de resistência à dívida que cresceram durante a década de 80, constituímo-nos como Jubileu Sul no ano de 1999 no bojo das campanhas do Jubileu 2000. Incorporamos o conceito Sul porque reflete critérios políticos e ideológicos, além de geográficos, e porque abrange os povos oprimidos e excluídos do mundo todo.

Na América Latina e Caribe, nossa ação está fortemente inserida na mobilização hemisférica contra a militarização e contra os acordos de livre comércio que atentam contra os direitos humanos e a soberania dos nossos povos. Além da contribuição em pensar novas formas de financiamento e de alternativas para o Continente e para cada um dos países.

No Brasil, a Rede Jubileu Sul se expressa numa ampla mobilização ecumênica. É coordenada por vários movimentos sociais e organizações. Promove ações nacionais e regionais que levam em conta os custos humanos, sociais, ecológicos, financeiros e políticos que provocam a dívida e a sua vinculação com as políticas de livre comércio, privatização, guerra/militarização e violação sistemática dos direitos humanos.

**Saiba mais:** <https://jubileusul.org.br/>

## FÓRUM MUDANÇAS CLIMÁTICAS E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

O Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental (FM-CJS) é uma articulação de entidades, pastorais e movimentos sociais que atuam em rede para gerar consciência crítica e enfrentamento em relação a tudo que causa o aquecimento da Terra. E isso vai tornando mais perigosas as mudanças climáticas, de modo especial para os povos, comunidades e pessoas que as sociedades capitalistas jogam na marginalização e na miséria.

Atua em âmbito nacional e se faz presente nos biomas e territórios por meio das entidades membros e de outras entidades parceiras, promovendo a convivência com cada bioma e ecossistema por meio de práticas que anunciam e vão construindo sociedades de *Bem Viver*.

A missão do Fórum é criar oportunidades para que as pessoas e entidades conheçam o sistema econômico, político e cultural, que causa o aquecimento global e o agravamento das mudanças climáticas, e ajam para superá-lo. O Fórum tem os objetivos de:

- Contribuir para o desenvolvimento de políticas afirmativas de proteção ao clima no Brasil.

- Fortalecer e manter em funcionamento uma rede de organizações da sociedade civil que trabalham sobre o tema das Mudanças Climáticas no Brasil e América Latina.

- Cobrar a responsabilidade do poder público para políticas públicas efetivas de proteção ao clima.

- Aumentar o nível de conhecimentos nas organizações integrantes da rede e na sociedade brasileira sobre as causas das mudanças climáticas e sobre estratégias e abordagens para enfrentá-las.

**Saiba mais:** <https://fmclimaticas.org.br/>



Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos '3 T' (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudanças nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!



Papa Francisco





SSBrasileira



ssb.org.br

APOIO:

